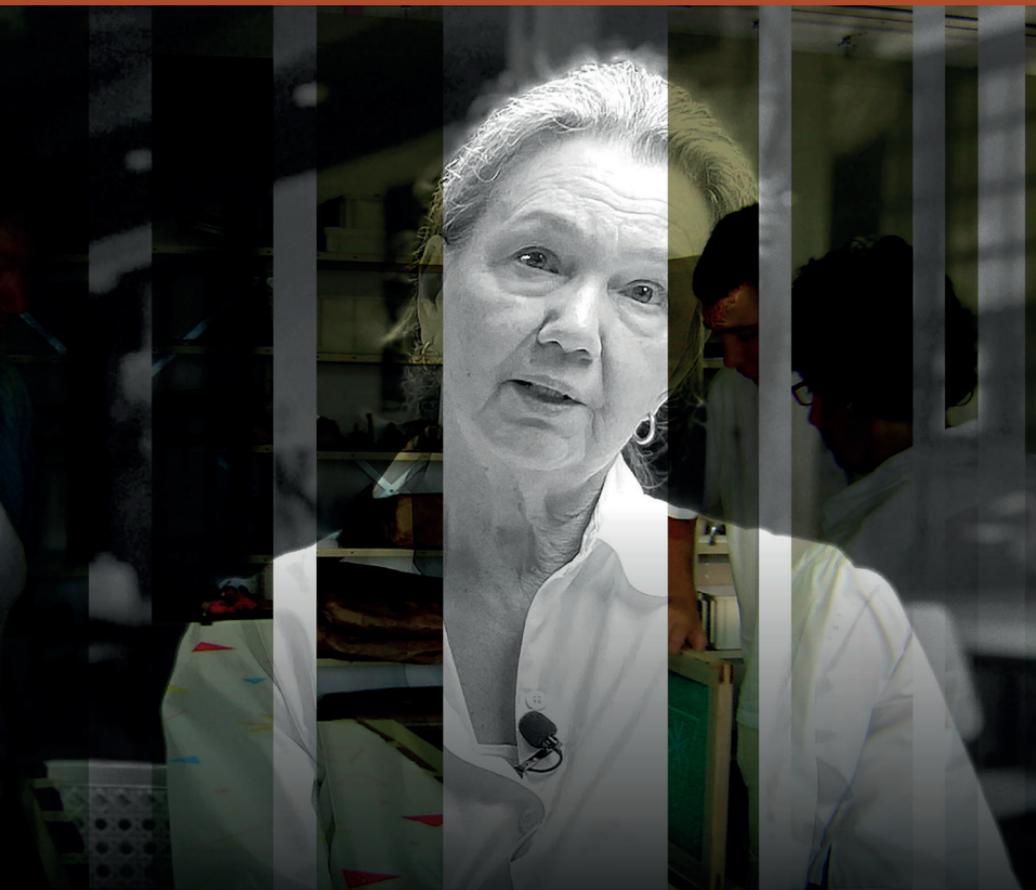




**Histórias de vida e o Vera**

**Profissão e afeto**



**Maria Lucia Ruiz Di Giovanni**

Coordenadora pedagógica (EM)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)**

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

**Alexandre Leite (Biblioteca Geral)**

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e equipe de Recursos Humanos



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)**

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Maria Lucia começou a trabalhar no Vera em 1974.  
Ela se despediu da Escola em 2012.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

## Uma socióloga no Vera

Me formei em ciências sociais em 1969, em plena ditadura militar, num momento em que a gente tinha uma crença de que podia melhorar o mundo, tinha um vigor revolucionário, vamos dizer assim, de querer fazer as coisas bem-feitas. Escolhi trabalhar com educação. Costumo até dizer que acho que a vida foi muito generosa comigo, do ponto de vista profissional.

Cheguei em São Paulo em 1970, casada, e fui trabalhar na [Escola] Experimental da Lapa. Não podia ter um melhor lugar para estar, para quem tinha o propósito de trabalhar com educação no Fundamental. Fiquei uns dois ou três anos, aprendi muito, estudei muito. Aquilo que eu estava praticando, na sala de aula, era uma coisa de verdade. Sempre tentei criar um espaço profissional onde aquilo que eu estava fazendo e praticando não era o projeto de alguém de fora, onde eu só estava cumprindo uma tarefa. Eu precisava de um envolvimento meu mesmo. Isso foi possível no Experimental, mas foi muito mais possível no Vera Cruz.

## O Fundamental em construção

Do Experimental, saíram Cynira [Fausto, fundadora] e Stella [Mercadante, fundadora], que criaram o ginásial do Vera, e eu vim trabalhar com elas, por indicação de uma pessoa que já trabalhava comigo no Experimental. Vim trabalhar como professora polivalente na segunda turma do ginásio. Eu inaugurei aquele prédio [do Verão]. As salas eram embaixo, e a parte de trás foi feita durante o primeiro ano. Me lembro de ficar escrevendo na lousa e apagando, porque a letra não tinha ficado muito bonita naquela lousa nova, maravilhosa.

Minha formação em ciências sociais me ajudou a me encontrar como professora polivalente, de um lado, e como professora de Estudos Sociais, de outro. Estudos Sociais era uma área muito criticada naquele momento, porque era uma disciplina enfiada goela abaixo, sem a especificidade de História e de Geografia. Mas minha formação mais polivalente, do ponto de vista das sociais, me ajudou a compreender isso, e o Vera sempre criou uma estrutura que fez possível essa interdisciplinaridade.

Acompanhei minha primeira turma por quatro anos. São os alunos inesquecíveis, porque comecei como polivalente,

depois, nos últimos anos, eu tomava conta do TP [Trabalho Pessoal] e dava aula de Estudos Sociais, só. Dois ou três anos depois, fui convidada a assumir a Assessoria de Estudos Sociais. Fui trabalhar direto com Stella, fazendo o material didático, pensando numa proposta de área. Foi outra aventura. Dias e dias criando aquele material, textos, exercícios; ninguém tinha computador, o mimeógrafo ainda era a álcool, e a gente fazia tudo a mão, cortando e colando: uma tesoura, um rolo de durex e muito papel. Esse período foi de muita aprendizagem. “Como vou construir esse material?” Isso tudo era de um desafio maravilhoso, e o sentimento de realização que essa prática permitia era muito, muito bom.

Eu era assessora, mas era professora também. Então, [era preciso] você pensar como aquela cabecinha vai pensar e se aproximar daquele conceito, e criar um material para isso. Um material com o qual ele trabalha sozinho e coletivamente. E discutir com os professores como isso se dá na prática, reformular para o ano seguinte... O Vera sempre permitiu uma continuidade do trabalho; é outro viés superimportante que vai sedimentando e ampliando aquilo a que a gente, no primeiro momento, se propôs, sem enxergar o tamanho.

## Assessoria dentro e fora

Depois, comecei a fazer assessoria externa. Já havia um contato da Escola para assessoria a uma escola pública. Mas, num determinado momento, a gente descobriu que uma escola particular estava usando material de Estudos Sociais sem que a gente soubesse. Se é assim, vamos fazer contato e vamos fazer direito. Se quer usar nosso material, a gente fornece, dá assessoria, vamos fazer isso bem-feito. Assim começou a Assessoria Externa, que, depois, se expandiu. Era muito trabalho, sempre.

Durante esse tempo todo, mantive o trabalho em sala de aula, como professora. É um trabalho que alimentava todos os outros e mantinha o vínculo, o discurso, a capacidade de compreensão do dia a dia da escola, dos professores. Acho que eu não era uma pessoa distante dos professores, era uma pessoa que estava no mesmo, como professora. Isso resultava numa relação bem diferente, sólida.

A formação de professores na Assessoria era um trabalho desafiador, porque você encontrava realidades completamente diferentes e, às vezes, você achava que estava usando um discurso que as pessoas estavam entendendo, mas as pessoas estavam longe de entender aquilo que você

estava falando. Foi uma interferência positiva, que sacudiu o dia a dia deles.

A Assessoria do Fundamental era muito em cima de trabalhar com o polivalente e depois acompanhar cada área. No Ensino Médio, não, cada professor era especialista. Tinha as reuniões de área, e, às vezes, a gente chamava um consultor, quando precisava resolver alguma coisa que escapava da nossa condição, mas normalmente eles se encontravam, porque eram três pessoas, um especialista para cada série. E o conteúdo do Ensino Médio é uma coisa mais quadrada, já está instituído. É aquilo e tem que ser. Tem a forma do professor trabalhar, sem dúvida, mas tem menos espaço para divagar. Tem o vestibular. Tem o que precisa ser enfrentado.

## Breve intervalo

Parei de trabalhar um ano, em 1992, quando morei fora do país, na Itália. Foi um tempo de repensar, descansar, se distanciar. Eu não sabia se, na minha volta, eu reassumiria a sala de aula ou não. Mas sabia que voltaria para o Vera. Foi uma experiência muito boa para a família inteira. Minha filha, que era adolescente, foi para a escola pública, do quarteirão. Foi muito importante nas nossas vidas. E quando eu voltei, voltei com um distanciamen-

mento. Porque você não enxerga direito o que está acontecendo. E eu voltei a assumir uma sala de aula de Estudos Sociais e a minha função de assessora.

## Nasce o Ensino Médio

Um dia, apareceu a Lucília [Bechara, fundadora]. Eu estava trabalhando, fazendo as tarefas da Assessoria. Lucília sentou e me contou do projeto do Ensino Médio que a Escola ia colocar em prática e me convidou para participar dele. Eu tinha sido uma das pessoas que encaminhou para a Direção um documento falando da oportunidade de a Instituição criar o Ensino Médio — as famílias se sentiam desamparadas quando acabava o ginásial.

Muito em função disso, Lucília veio me convidar para compor o trio que fez a montagem do projeto do Ensino Médio. Trabalhei com Edaival [Mulatti, coordenador do Ensino Médio] no Experimental, foi um reencontro. E trabalhei com Cecília Betti, sempre muito competente, desde meu primeiro ano no Fundamental, como professora polivalente.

Só que aí, quando você faz o projeto, descobre que está com o projeto na mão. É você que vai ter que colocar aquilo em prática de alguma forma. E começamos nós três, depois Cecília Betti

se afastou, e ficamos o Edaival e eu. Eu como coordenadora pedagógica, foi muito bom.

Eu era a coordenadora pedagógica, e o Edaival fazia a direção mais pedagógico-administrativa. A gente trabalhava junto. Trabalhamos juntos os três nessa montagem de um jeito muito, muito próximo, de muita confiança. Nós éramos três pessoas que dormiam tranquilas com o olho do outro aberto. A história vinha de longe, acho que essa união entre nós deu muita força para o projeto que foi enorme, tanto do ponto de vista da construção pedagógica quanto do ponto de vista daquele espaço todo e do funcionamento e do crescimento daquilo. Eu me lembro do começo, quando eu entrava naquele espaço vazio e nenhum papelzinho ia para a parede se não fosse nossa iniciativa.

Não tinha parâmetro, não tinha protocolo para nada. Criar a estrutura toda de funcionamento e de gestão do espaço e das pessoas foi um desafio enorme. Uma equipe grande, muito masculina, diferente da equipe do ginásio. Acho que a gente tinha 50% ou mais de homens. Era muito mais fácil encontrar professor candidato do que professora candidata. Você divulgava: "Preciso de professor de português!". Apareciam dois, três homens. Era uma coisa que aparecia como a oportunidade para profissionais que se apresentavam.

## Muito além do turismo

O livrinho que ganhei quando saí do Ensino Médio foi montado com fotos e só tem viagens e festa. Parece que a vida foi isso o tempo inteiro. Particpei das excursões desde a primeira vez que o Vera foi para o Paiol Grande, no Fundamental. Me lembro de uma situação, todos sentados no chão, com Cynira tentando organizar por onde a gente ia, discutindo como fazer, que regras estabelecer, no Paiol Grande. Iam ser uns 70 e tantos alunos. Me lembro da montagem das viagens para Minas.

Enfim, foi uma aventura. A primeira viagem, longuíssima, de não sei quantos dias. Fomos arredondando essa viagem, que existe até hoje. Mas eu estou lá, na origem dessas viagens. No Ensino Médio, fomos para Fernando de Noronha. Um desafio, uma coisa incrível. E eles não acreditavam que tinham conseguido chegar lá. Lindo! Fomos sempre estimulados por propostas dos professores. O professor de Biologia tinha a biologia marinha como o mundo dele. E aonde é que você pode levar de mais bonito, de mais incrível? Acabamos em Fernando Noronha com mergulhos e tal, muita coragem, mas muito, muito planejamento, muito cuidado, com pessoas muito responsáveis. Fomos para o Amapá, e a origem dessa proposta era de uma

professora de Geografia, que tinha contato com a equipe que nos recebeu — tinha uma superestrutura.

Eu pensava: “Como é que a gente vai organizar uma viagem com a qualidade das viagens que o Vera sempre teve, do ponto de vista administrativo e funcional, no Amapá? Impossível! Como é que você sai do rio, do barco, e tem um ônibus esperando? É impossível!”. Pois não era impossível. A gente arrumou uma pessoa e descobriu que americanos, franceses e principalmente ingleses do Ensino Médio vêm para o Brasil conhecer a Amazônia. Foi uma viagem também desafiadora, mas é uma descoberta do mundo. Acho que todo brasileiro precisava conhecer a Amazônia.

Depois, fizemos viagens aqui também, para a Ilha do Cardoso, sempre com outro fôlego de trabalho e de contato com a população, porque eles têm mais condição de fazer isso mesmo. Acho que deu para ser saudável, sempre com as urgências do Ensino Médio e do vestibular. Como é que se chega no 3º ano e, em vez do aluno estar estudando, ele está viajando como se isso fosse uma perfumaria? Tenho certeza de que aquilo que foi vivido eles não esqueceram e elaboraram de alguma forma, ajudando-os a se encontrarem, sem dúvida.

Para Inhotim, eu não fui. Mas Inhotim precisava ser uma coisa diferente, tinha que ter sempre um desafio de verdade para que eles se envolvessem e não fizessem a viagem também de faz de conta. “Estou só viajando para brincar.” Não. Está viajando para pensar a sério naquilo que está fazendo. Acho que esse também é o viés da proposta do Vera. Quer dizer, a gente não vai para um lugar, a gente vai estudar uma situação. Difícil as pessoas entenderem isso. Parece que é pouco, mas não é, muda tudo. “O que é que eu vou fazer em Ribeirão Preto? Em Araraquara?” Vai estudar a propriedade da terra, posse da terra. Não é um passeio. É o estudo de uma causa, um tema. Isso norteia o trabalho, a proposta do Vera. E essas coisas sempre me encantaram, sempre fui muito apaixonada, sempre fiz junto o máximo que eu podia. Depois, sozinha [na Coordenação], era muito difícil deixar a Escola e viajar uma semana. Então, para Inhotim eu nunca fui, nem com a Escola nem sozinha.

## O Grande Arraial e a Dança

Já a festa junina a gente queria que fosse feita como festa de rua. Benito Campos, que é um artista de rua, ajudou a dar essa cara, a definir o espaço, como fazer as barraquinhas, os enfeites, e ficou aquela cara de arraial. Mas lembro que eu

sempre dizia para o Heitor: “Vamos fazer festa junina a cada dois anos” (risos).

A criação de um curso de Dança no currículo foi muito importante, porque você tem os alunos que não gostam de bola, que não querem fazer capoeira, e, de repente, se encontram na dança. Um dia, eu passei pela aula e tinha um menino dançando um tango, uma coisa parecida, tudo meio fantasiado. Eu falei, essa professora é muito boa, porque conseguiu que um adolescente menino dançasse com aquela soltura. O curso de Dança sempre deu certo, sempre tinha alunos. Acho que ele foi muito bem colocado, como proposta dos professores e como opção, para os que não estavam ligados no esporte, não queriam aquela competição. A maioria quer, mas alguns não querem. E a Iza [Lotito] juntou teatro com dança, com uma oportunidade para eles se encontrarem diante de todos os outros, o FestiVera, quando todos encontram espaço. Sabe aqueles que estão meio perdidos, que não conseguem fazer nada? Ela ia integrando tudo, e eles conseguiam participar e se sentir realizados.

## O centro de tudo

Teve uma coisa que fiz no Vera que gostei muito. Uma vez, brinquei: “Acho que a maior contribuição que eu dei para a

Escola foi um círculo amarelo desenhado no chão do pátio". Deve ter até hoje. Aquele círculo a gente criou para fazer um espaço de dança, na festa junina. A concepção de festa era menos como tarefa escolar, mas mais como festa mesmo, e acho que a gente conseguiu implantar esse conceito. Pegou. A festa ficou do tamanho que ficou. Mas aquele círculo, que era um círculo para dançar, virou meio que o centro da Escola, de tudo que acontece, até do ponto de vista político da relação com professor.

Uma vez, tive uma situação de confronto com os alunos, não lembro mais por quê, e eles se posicionaram em volta dele e queriam fazer uma assembleia. Lembro que eu descí, fui lá conversar com eles, consegui levá-los para o salão, com microfone. Foi a Escola inteira e virou uma grande assembleia. Foi uma virada institucional, do ponto de vista da relação dos alunos com o trabalho. O círculo ficou uma marca importante daquele espaço amarelo.

## Exercícios de cidadania

Tenho pensado quanto tempo vai levar para a gente conseguir instituir o Hino Nacional, de novo. Com todo o sentido que ele tem e que deve ter. A gente, da época da ditadura, tem muita

crítica em relação ao ensino do civismo. Mas ele é fundamental do ponto de vista coletivo.

[No Ensino Médio] demorou muito, muito [para os alunos respeitarem a execução do Hino em aberturas de eventos]. Isso eu já sentia enquanto estava só no Fundamental e, depois, quando a gente foi para o colegial. O esporte foi ajudando, além de nossas posturas. Então, a formatura começa com o Hino Nacional, o Fórum de Debates também; é uma situação coletiva. Essa era uma tecla em que a gente batia muito. O que você faz aqui não é você, é você numa situação coletiva, e esta é uma instituição privada, mas pública, porque parte de uma sociedade. Houve muito trabalho para chegarmos naquele ponto [de respeito ao Hino], sem muito discurso, mas com muita situação prática. Até que na formatura é uma coisa formal muito bonita.

Já o Fórum de Debates nasceu de um daqueles congressos no Rio Grande do Sul, o Fórum Social de Debates, de movimentos de antiglobalização. Então, apareceu uma prática desses fóruns de discussão. Queríamos que os alunos entendessem um pouco aquilo e tentamos transpor e adaptar, pegando um tema de discussão no ano para pôr a Escola inteira trabalhando em cima daquilo. Era um dia muito especial, de debate coletivo, para fazê-los participar, argumentar, pensar juntos, como

escola, numa situação que fosse importante, a partir de um determinado tema.

Lembro que um dos Fóruns de que mais gostei foi um que a gente discutiu direitos humanos. Lembro de uns alunos falando comigo: “Ah, mas não adianta discutir isso aí, ninguém segue”. É como se direitos humanos fossem uma lei. A compreensão do que é direito e do que é lei, do que não é lei, do que é ética: uma coisa tão tênue, tão difícil, e que precisa ser discutida. Alguns temas são discutidos pelas disciplinas em sala de aula, outros têm que ser promovidos numa situação coletiva. É uma das marcas da Escola. Nós tínhamos uma disciplina chamada Projetos, também uma marca da Escola. Ensinar a propor, pensar, planejar, fazer. Os alunos escolhiam algumas coisas para fazer à tarde; em dois dias, eles tinham Inglês, e, no outro dia, Educação Física, e muitos tinham projetos, como trabalhar com robôs, fazer programação, astronomia... Os professores foram pegando seus projetos e suas paixões; esse foi meu movimento como coordenadora: abrir espaço para isso no trabalho com o aluno. Esse foi meu jeito de conduzir, no sentido de fazer aflorar aquilo que o professor tinha para dar, e queria dar. E todo professor tem um sonho. E, aí, as coisas iam acontecendo. Enfim, é essa uma história longa de relação com a Escola, uma história de muita descoberta, muita realização.

## Saber partir

Acho que eu fiquei 15 anos coordenando sozinha até que pensei e comecei a perceber que a Escola demandava mais energia do que eu tinha. Era muita energia, das sete da manhã até... sei lá. E aí achei que estava na hora de me afastar e cuidar um pouco mais de mim, do meu tempo, da minha vida. E foi por aí que eu saí, com o sentimento de realização muito grande, muito grande. De ter feito uma educação de boa qualidade, de ter criado uma escola duas vezes: o Fundamental e o Ensino Médio. Sempre com muita liberdade para propor, falar, criticar, elogiar. Foi uma experiência muito positiva, muito boa. Tanto é que, depois que eu saí do Vera, nunca mais quis fazer nada. Eu, profissionalmente, não fiz nada, nada mais. Fui refletir sobre envelhecimento, tenho um conjunto de amigos com os quais a gente trabalha, pensa, mas nenhum compromisso profissional mais, não. Não tive vontade.

A Escola é uma instituição, mas ela é uma empresa também. Não adianta eu querer ir lá, dar um abraço em alguém agora, eles estão trabalhando e vou atrapalhar. De vez em quando, a gente se encontra, é muita, muita emoção, muito carinho, muito afeto, mas é pouco. Tem professores que me ligam até hoje, contam coisas, ligam no aniversário, no final do ano, avisam

que nasceu o filho e tal. “Ah, eu mudei de emprego, estou fazendo disso”. Mas não é nada íntimo, nada da vida, do dia a dia. Para mim, o Vera é eterno! Esse alcance do Vera é uma coisa sobre a qual de vez em quando eu penso, mas não tenho uma leitura clara de por onde passa e até onde chega. Essa Instituição, com essas características e essa importância, que se propõe a marcar, a fazer cabeças reflexivas, pensantes, verdadeiras, não pode passar despercebida, tem que fazer sua marca. Agora, nesse universo de tecnologia, não sei por onde é possível manter essas marcas, manter essa coisa tão concreta, do temperinho em cima das mesas [dos alunos, na Vila Ipojuca] e ao mesmo tempo falar em inteligência artificial, em comunicação a distância. Como é possível equacionar isso tudo e manter a formação daqui para a frente? É um desafio que não é pequeno. Por isso, acho importante falar sobre como é, como se construiu, sobre quais pilares esses princípios foram construídos. É importante esse registro.

## Realização como alimento

Toda experiência no Vera Cruz foi muito boa. Sempre deu muito trabalho, sempre trabalhei muito, mas era um trabalho muito prazeroso, porque era um projeto da Escola para a Escola, mas era meu projeto também, isso estava muito sólido. Eu lembro

um dia, uma amiga comentou que, quando encontrou minha filha, ela falou: “Ah, nunca vi minha mãe trabalhando tanto e tão contente.” Entendeu? Porque foi de verdade uma oportunidade de pensar em educação, de fazer uma escola do jeito que estava na nossa cabeça, né? Pelo menos nosso impulso era fazer do jeito que estava na nossa cabeça.

Tenho um sentimento de realização muito bom. É uma coisa que alimenta, inclusive. Não vou trabalhar em outra escola. Se eu quisesse, se eu tivesse gás para trabalhar, eu teria ficado trabalhando no Vera Cruz mais um pouco. Esse sentimento de realização é muito bom. E a Escola sempre permitiu isso, sempre acreditou, sempre abriu o espaço. Isso é muito, muito confortante. Juntar a profissão e afeto talvez não sejam coisas mais deste tempo.

Essa é uma característica da Escola que ela não pode perder. Não sei se conseguirá com os novos tempos. Esse é o desafio. Por isso é importante falar.

Fiquei muito contente com o convite e com a iniciativa da Instituição. Acho que uma instituição de sucesso como o Vera não pode perder a memória das pessoas que trabalharam tanto tempo aqui, que construíram juntos esta Instituição, cada um

com a sua percepção, no seu nicho. Fiquei muito contente nesse sentido, não é o da minha valorização ou da valorização de cada uma das pessoas que trabalhou aqui, isso também, mas é o do fortalecimento institucional. Acho que essa instituição de sucesso precisa se manter forte, e essas memórias só vêm a fortalecer. É um momento muito importante, significativo. Que bom que vocês inventaram isto!





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

